

Banqueiros estão satisfeitos

OSWALDO RIBAS

Todo mundo parece ter gostado do acordo alcançado pelo México com os bancos credores. Principalmente os banqueiros. Embora a expectativa mundial, embalada nas promessas do Plano Brady, fosse de que finalmente se anunciasse um pacto vantajoso para uma nação endividada do Terceiro Mundo, o resultado destes três meses de negociações em Nova York se não foi favorável, pelo menos foi bem pouco indigesto para os credores internacionais. Até agora — e este é um dado bastante significativo —, nenhum banqueiro reclamou dos termos do acordo.

Após o impacto da decisão — a primeira vista uma generosa redução de 35% do principal da dívida mexicana —,

a imprensa norte-americana, nos últimos dias, não se cansou de criticar o pacto. "Quanto mais as cláusulas do acordo são analisadas, mais dúvidas e objeções vão surgindo", afirmou, em editorial, o bem-informado The New York Times. E ele não está sozinho. Gente tarimbada como o prestigiado economista de Havard, Jeffrey Schs — tido com um dos maiores especialistas em dívida externa do Terceiro Mundo —, foi fulminante em seu julgamento: "O México negociou com um braço amarrado às costas", disse ele para ilustrar a posição pouco cômoda que o país teve de enfrentar o comitê de bancos credores.

De todos os lados, os especialistas em economia latino-americana dão o alerta: ao ser implantado, o novo

acordo poderá desembocar em surpresas desagradáveis como o aumento dos débitos em vez de sua redução. Segundo cálculos ainda preliminares, se dois terços dos quase 500 bancos credores mexicanos concederem dinheiro novo em vez do desconto de 35% sobre o principal, ou 40% sobre os juros (as três alternativas), a dívida mexicana, em quatro anos, incharia mais US\$ 3 bilhões.

Por este desvio, o secretário do Tesouro americano, Nicholas Brady, certamente não esperava. Ao propor sua estratégia de redução da dívida, como alternativa de crescimento do Terceiro Mundo na década de 90, ele talvez tenha subestimado a predisposição dos banqueiros em aceitar perdas. E o fato de a América Latina estar à beira do colapso parece ter tido pouco peso na mesa de negociações.